

O CORPO: determinações sociais para as suas transformações biológicas

Tadeu João Ribeiro Baptista¹

“Bípede, com um telencéfalo altamente desenvolvido e um polegar opositor” (ILHA DAS FLORES, 1989).

Resumo:

O corpo humano, mesmo que tratado apenas em sua dimensão biológica, possui uma história individual e coletiva que se construiu e se constrói em cada vida. Assim, o problema central deste texto é compreender quais são os fatores responsáveis pelas alterações biológicas do corpo e se existem relações entre estas variações e as relações sociais. Este trabalho, que se configura como um ensaio, parte de uma revisão de literatura para refletir sobre os principais elementos que contribuíram para a raça humana atingir o desenvolvimento atual. A partir da análise realizada é possível afirmar que o principal fator que contribuiu para o desenvolvimento do corpo da consciência/consciência do corpo são as relações sociais mediadas pelo metabolismo entre homem e natureza, ou seja, o trabalho. Em síntese, o corpo biológico do homem atual é acima de tudo, fruto de uma organização social complexa que foi determinado socialmente pelas relações históricas de trabalho.

Palavras-chave:

Trabalho. História. Materialismo Dialético.

THE BODY: social determinations for their biological transformations

Abstract:

The human body, though treated only in its biological dimension, has an individual and collective history that has been constructed and construct in each life. Thus, the central problem of this text is to understand what the factors are responsible for the biological changes of the body and if there are relations between these variations and the social relations. This text, as an essay, is part of a literature review to reflect on the main elements that contributed the human race to reach current development. From the analysis performed it is possible to affirm that the main factor that contributed to the development of the body of consciousness / consciousness of the body are the social relations mediated by the metabolism between man and nature, that is, work. In short, the biological body of the present man is above all, the fruit of a complex social organization that was determined socially by the historical relations of work.

Keywords:

Body. Work. History. Dialectical Materialism.

¹ Doutorado em Educação. Faculdade de Educação Física e Dança e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br.

Introdução

A história da humanidade não se inicia nos escritos da Antiguidade, mas, muito antes, ao se considerar os processos de desenvolvimento que culminaram em diferentes alterações corporais responsáveis pelo bipedismo, com um telencéfalo altamente desenvolvido e um polegar opositor, como se diz no filme *Ilha das Flores* (1989). Compreender o longo processo de transformações corporais que formaram o ser humano, o qual deve ter levado, pelo menos, 3,6 milhões de anos.

Segundo Lovejoy (in JOHANSON; EDEY, 1996), o desenvolvimento da espécie humana passa por um processo denominado de orientação K. Este processo fez com que a quantidade de crias em espécies de homínídeos, que culminaram no *Homo sapiens*, fosse reduzida até se chegar a um “filhote” por gestação em média, o que representa um fator de risco para a extinção da espécie.

Uma das formas de se evitar o aniquilamento dessas espécies, sobretudo, considerando que houve uma alteração no ciclo reprodutivo das fêmeas, marcado pelo cio (um período de fertilidade com a presença de odores que provocavam a disputa da fêmea por todos os machos do grupo), para o ciclo menstrual, grosso modo mensal, no qual, biologicamente, cada mulher chamava a atenção de alguns homens, diminuiu a disputa por cada “fêmea” e, preservou também, a quantidade de machos no grupo (JOHANSON; EDEY, 1996).

Atualmente, a mulher desperta o interesse de cada homem, não apenas por seu cheiro ou marcadores biológicos, mas também, devido às diferentes características que elas apresentam como a sua inteligência, jeito de ser, forma corporal, características e status sociais, entre outras.

Era necessário que na savana africana de cerca de 3,5 milhões de anos atrás, com vários predadores ou falta de comida que poderiam matar os filhotes, os pais deveriam ser capazes de tomar conta das novas gerações, fato evidenciado historicamente a partir de estudos da Antropologia Física, sobretudo nos *Australopithecus afarensis*, uma espécie encontrada pela primeira vez no “Deserto de Afar” na Etiópia por Donald C. Johanson em 1976. O esqueleto deste espécime, como poucos encontrados na história da Antropologia Física, apresentou-se bastante completo, permitindo uma série de análises e deduções que passam a ser muito consideradas para explicar, a partir dos estudos da Antropologia Física, a origem da humanidade (MOREIRA, 2002; JOHANSON; EDEY, 1996; FENTON, s.d.).

Como as características ósseas foram identificadas como de uma fêmea, os pesquisadores o apelidaram de “*Lucy*”, devido à música de mesmo nome dos “*Beatles*” (JOHANSON; EDEY, 1996). De acordo com a orientação “K”, ocorre o processo de redução da quantidade de filhotes e ao processo de prolongamento da infância (neotenia), obrigando os pais a cuidar de seus filhos por um período maior. Assim, no contexto ambiental do *Australopithecus afarensis*, cabia à mãe cuidar da cria em relação à segurança e cuidados, enquanto o pai deveria cuidar da mãe e da cria simultaneamente em relação a possíveis predadores e fornecimento de alimentos para ambos (JOHANSON; EDEY, 1996).

Este processo exigiu que os pais ficassem em pé na savana, desenvolvendo a partir desse momento uma postura bípede provocada gradativamente pela alteração na articulação do joelho seguida da modificação da posição da coluna vertebral. Esta alteração anatômica trouxe uma perda significativa em relação à velocidade (deslocar-se em dois membros é mais lento do que com quatro), por outro lado permitiu a utilização dos membros superiores para outras funções como segurar objetos, carregar, usá-los contra os predadores, o que propiciou o uso da mão e o desenvolvimento do polegar opositor para a manipulação de objetos e elaboração de instrumentos para carregar alimentos, defender-se, entre outros (JOHANSON; EDEY, 1996).

Essas mudanças anatômicas associadas a aquisição de uma postura ereta e a constituição do polegar opositor contribuíram para o crescimento de uma nova camada cerebral (o telencéfalo), responsável pelo pensamento, raciocínio lógico, entre outros (FONSECA, 1998). Estes processos que duraram milhões de anos, foram os responsáveis pela composição do *Homo sapiens*, sobretudo na sua constituição corporal atual, bem como pela aquisição de suas capacidades e habilidades.

A teoria da orientação “K” permite apresentar a constituição do ser humano a partir das alterações biológicas consideradas importantes para se chegar ao modelo de corpo alcançado pelos seres humanos na atualidade. Essas mudanças são aparentemente provocadas por outras modificações de caráter biológico, ou seja, a alteração do ciclo reprodutivo das fêmeas hominídeas, as quais, dentro de um longo período de tempo, permitiram as transformações na estrutura anatômica, sobretudo nos membros inferiores, bacia e coluna – responsáveis pela postura ereta –, pela modificação dos membros superiores, dos braços de forma geral e especialmente o polegar, que passa a fazer o movimento de pinça, os quais não são mais usados para a locomoção, mas, para carregar objetos e produzir instrumentos e, finalmente, o processo de expansão do cérebro com ênfase para a camada mais externa – o telencéfalo – também denominada de córtex cerebral.

A hipótese do movimento de pinça pela oposição do polegar ter sido elementar para o *Australopithecus afarensis* é vista como um avanço significativo desde o século XIX. Neste movimento se identifica a diferença que propiciou todo o processo de constituição do humano.

[...] é justamente neste ponto que se poder verificar a distância entre a mão pouco desenvolvida do macaco antropóide e a humana, altamente desenvolvida pelo trabalho, durante centenas de milhares de anos. O número e a disposição dos ossos e músculos, coincidem em ambos; mas a mão do mais primitivo dos selvagens pode realizar centenas de movimentos e atos que nenhuma mão simiesca poderá imitar. Não houve, até hoje, mão de macaco, por mais hábil, que tivesse feito a mais simples faca de pedra. As manipulações que nossos antepassados aprenderam a adaptar gradualmente suas mãos (durante a transição do macaco ao homem), no transcurso de muitos milênios, só podiam ter sido, portanto, muito simples (ENGELS, 2000, p. 216).

Contudo, o progresso da mão – como é apontada por Engels (2000) – e as alterações de outros órgãos são, apenas aparentemente, resultado das mutações meramente biológicas. Assim, o problema central deste texto é compreender quais são os fatores responsáveis pelas alterações biológicas do corpo e se existem relações entre estas variações e as relações sociais.

Este ensaio tem como metodologia um estudo teórico.

Caracteriza-se como um estudo teórico que aborda um único tema, o qual exige pesquisa própria da área científica em que se situa, com os instrumentos metodológicos específicos. Procura colocar e solucionar um problema (questão que foi investigada), fundamentado na evidência dos fatos e na coerência da análise dos dados observados (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 172).

Este estudo teórico se fundamentou em uma revisão de bibliografia (ou revisão de literatura). Para responder ao problema proposto este texto foi desenvolvido em duas partes. Na primeira foi feita a discussão do corpo, que partiu do pressuposto de que este é um elemento natural, que ao mesmo tempo que faz parte da natureza, a transforma e é transformado. No segundo momento foi feita uma análise da constituição da materialidade das relações sociais, a partir da ideia de que o trabalho é determinação central das alterações corporais dentro do contexto histórico.

1. O Corpo e a Natureza

Discutir a relação do corpo com a natureza é discutir a relação da natureza com ela própria, considerando que o corpo é um elemento natural, conforme expressa Marx (2002). Dizer que o corpo é um elemento natural é estabelecer uma tensão entre o que é físico (orgânico), relativo ao corpo de cada ser humano, e o que é inorgânico, em outras palavras, a natureza, entendida como tudo o que é externo a cada pessoa, ou seja, somente a natureza

[...] inorgânica é justamente para a orgânica, a liberdade das determinidades destacadas, que se opõe ao conceito simples da natureza orgânica. Dissolve-se nessas determinidades a natureza individual que ao mesmo tempo se separa de sua continuidade e é para si. **Ar, água, terra, zonas e climas são esses elementos universais que constituem a essência simples indeterminada das individualidades**, que nesses elementos estão igualmente refletidas em si (HEGEL, 2003, p. 189. Grifo nosso).

Tem-se uma relação entre os seres humanos e a natureza, embora esta possa ser vista inorganicamente por meio de suas determinidades e por sua relação com outros seres humanos, a partir dos quais se reconhecem. Assim, “[...] por meio da relação com o homem Paulo, como seu semelhante, reconhece-se o homem Pedro a si mesmo como homem. Com isso vale para ele, também o Paulo, com pele e cabelos, em sua corporalidade paulínica, como forma de manifestação do gênero humano” (MARX, 1996, p. 181). Desse modo, Pedro faz parte da natureza (inorgânica) para Paulo e vice-versa.

É possível identificar nos pensamentos de Hegel (2003) e de Marx (2002; 1996) uma semelhança na compreensão da natureza inorgânica como uma determinidade ou determinação, com a qual o ser humano estabelece relações. Entretanto, Marx desenvolve a ideia de relação da natureza inorgânica com a natureza física (orgânica) do ser humano, porquanto é por meio dessa relação que se mantém a existência.

No plano físico, o homem vive apenas dos produtos naturais, na forma de alimento, calor, vestuário ou habitação, etc. A universalidade do homem aparece praticamente na universalidade que faz de toda a natureza o seu corpo inorgânico: 1) como imediato meio de vida; e igualmente 2) como objeto material e instrumento da sua atividade vital. **A natureza é o corpo inorgânico do homem, ou seja, a natureza na medida em que não é o próprio corpo humano.** O homem vive da natureza, ou também, **a natureza é o seu corpo**, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que **a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza** (MARX, 2002, p. 116. Grifo nosso).

A relação da natureza com ela mesma, sendo o homem uma parte da natureza, pode ser mais bem identificada aparentemente em tempos primitivos, porquanto no contexto atual as pessoas olham para a natureza apenas como algo externo a elas, haja vista ter sido um movimento muito forte, sobretudo do iluminismo e da modernidade, ainda em curso, a tentativa humana de controlar a natureza. Destarte, o homem atual tende a se ver como um ser fora da natureza, o que é um equívoco histórico. Marx e Engels fazem uma crítica em “*A Ideologia Alemã*” a esse pensamento expresso por Bruno Bauer, presente também na Alemanha do século XIX, que trata a história e a natureza como contraditórias, “[...] como se aí houvesse duas ‘coisas’ separadas, como se o homem não se achasse sempre em face de uma natureza que é histórica e de uma história que é natural [...]” (MARX; ENGELS, 1998, p. 44).

Logo, considera-se o fato de a natureza ser um elemento imprescindível para o ser humano na relação existente entre o corpo físico e o corpo inorgânico procurando compreender como se dá essa relação.

[...], portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza. Não podemos, naturalmente, fazer aqui um estudo mais profundo da própria constituição física do homem, nem das condições naturais que os homens encontraram já prontas, condições geológicas, orográficas, hidrográficas, climáticas e outras. Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e de sua transformação pela ação dos homens, no curso da história (MARX, ENGELS, 1998, p. 10).

Acerca da orientação “K”, teria sido a relação estabelecida entre os seres daquele momento e as transformações ocorridas gradativamente a partir de todos os anos e séculos seguintes, que propiciaram o desenvolvimento dos meios de existência e da vida material. Desse modo:

[...] eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1998, p. 10-11)

A organização corporal e a distinção dos outros animais realmente foram gradativas, devido à forma de produção dos meios de vida e da própria vida material possível à espécie que culminou no humano. Ainda que naquele momento não houvesse a linguagem e uma forma de consciência que pudéssemos atribuir a eles, o longo processo de constituição

humana culminou na relação atual com a natureza, em busca de sua subjugação, ao invés de se relacionar harmonicamente com ela.

Neste aspecto, vale reafirmar a ideia da construção histórica da natureza por alguns motivos. O primeiro que a natureza propicia os meios de existência, em princípio para os hominídeos e depois para os próprios humanos, possibilita a produção da vida material. Segundo, esse processo possibilita várias transformações no ser humano em sua estrutura corporal como a postura ereta, bipedismo, uso das mãos para produzir e carregar instrumentos, a alteração anatômica que propicia o polegar opositor, o desenvolvimento cerebral – o córtex – o qual permitiu o desenvolvimento do pensamento e da linguagem (VIGOTSKI, 2003a; 2003b; MOREIRA, 2002; FONSECA, 1998; JOHANSON; EDEY, 1996, FENTON, s.d.). E, neste contexto, a constituição da consciência humana, mediada pela relação entre homem e natureza (HEGEL, 2003; MARX, 2002; 1996; MARX; ENGELS, 1998; ENGELS, 2000).

A natureza é o meio de existência humana, por meio da qual, na realização da efetiva atividade humana, o trabalho (MARX; ENGELS, 1998), é possível constituir a consciência responsável pela ontologia do ser. Em Hegel (2003), o desenvolvimento da consciência-de-si, depende das relações estabelecidas com objetos externos.

Para este autor, por meio do Espírito Absoluto² existe a formação da consciência-de-si³, entretanto, esta só se efetiva quando o ser entra em contato com outros objetos – diferentes dele – a partir dos quais identifica a sua existência. Em outras palavras, é possível se inferir que a formação da consciência se dá por perceber algo externo, sobre o qual por meio da realização da atividade (trabalho), e pelas transformações provocadas no objeto, o ser se identifica no objeto modificado ou produzido, não identificando a coisa em si, mas, a si próprio refletido (HEGEL, 2003).

Dessa forma é possível falar, em um duplo movimento de reflexão. Primeiro, o movimento de um reflexo, ou seja, a produção de um objeto, ou a transformação da natureza é, para o seu produtor, o reflexo da sua ação, conseqüentemente, ele não vê o objeto em si – como já foi dito, porém, a sua imagem refletida no objeto. Segundo, é reflexão enquanto ato de refletir, olhar para si, para o objeto e perceber as transformações sobre o mundo (natureza = corpo orgânico e inorgânico) e, com isso, modificar a si mesmo (HEGEL, 2003; MARX, 1996).

² Para Hegel (2003), o Espírito Absoluto seria uma manifestação de uma consciência acima da consciência humana, neste caso, de maneira mais específica, o Espírito Absoluto corresponde a ideia de Deus.

³ De maneira muito simplificada, a consciência-de-si é a consciência que o ser humano possui de sua própria existência. Para maiores detalhes, ver Hegel (2003).

O corpo, como um objeto natural, transforma a natureza e a si mesmo. Se esta transformação da natureza inorgânica e orgânica é capaz de formar a consciência, o corpo desenvolve a consciência em relação a si mesmo. Corpo e consciência não se separam⁴, assim como não se separa corpo da alma, da mente, do espírito. Nessa situação, o corpo é um objeto externo à consciência e, enquanto elemento exterior, um dos responsáveis pela construção da consciência de si e, porque não dizer, da própria subjetividade, porquanto, o corpo é um fenômeno material para a consciência.

Esse ser – o corpo da individualidade determinada – é sua originalidade, o seu “não ter feito”. Mas porque o indivíduo, ao mesmo tempo, é somente “o que tem feito”, então o seu corpo é também a expressão de si mesmo, por ele produzida: é ao mesmo tempo um signo que não permaneceu uma Coisa imediata, mas no qual o indivíduo somente dá a conhecer o que é quando põe em obra sua natureza originária (HEGEL, 2003, p. 222).

Neste sentido o corpo é o aspecto negativo da consciência, por não ser ela própria. Enquanto uma coisa diferente da consciência, o corpo é uma expressão do próprio ser, por ser esta expressão material/espiritual a manifestação do ser humano com a natureza. Desse modo o corpo é corpo da consciência, haja vista a externalidade do corpo face à consciência e ao mesmo tempo, seu objeto e fundamento para a sua organização. “A condição que o indivíduo consegue encontrar pelo movimento da consciência é algo externo à própria consciência: o corpo, esse fenômeno material da consciência. Ele se converte, de certa forma, na efetividade do ser-para-si e do ser-em-si” (BAPTISTA, 2011, p. 107). Desse modo, nota-se que o corpo é a manifestação material/espiritual do ser humano na sua relação com a natureza⁵.

Por outro lado, tem-se a consciência do corpo, enquanto negatividade e complementariedade do corpo da consciência. A consciência-de-si é constituída ontologicamente pela relação do ser humano com a natureza. Mas, a consciência não pode por si só existir como algo solto no mundo. A consciência-de-si é antes de tudo a consciência do próprio ser em relação a ele próprio, dada à sua expressão material/espiritual nos seus vínculos com a natureza, tendo a sua existência presença em algum lugar. Este espaço/tempo de existência da consciência é o corpo.

Partindo do debate com Hegel (2003), o corpo é a materialidade humana originária.

⁴ Para entender a não separação do corpo e da alma, sugerimos a leitura de Merleau-Ponty (1999) e Baptista (2013).

⁵ Lembrando-se que a natureza é histórica e por isso, pressupõe as relações de trabalho material e imaterial, os produtos, bens de consumo e a cultura, compreendida aqui como sendo a expressão das diferentes normas e valores elaborados e consensuadas entre os seres humanos.

Enquanto ser em si e para si, o indivíduo é um ser originário que só é possível pelo elo de sua existência em si, como ser originário e, ao mesmo tempo, uma existência para si, como a condição da percepção da consciência em relação ao exterior. Todavia, esta só se faz possível por sua condição de efetividade material (BAPTISTA, 2011, p. 107).

Uma análise não realizada anteriormente é que, além de ser um ser em si e para si originário, o ser é também original (no sentido de singular, único, exclusivo). Não só uma manifestação e percepção do que está posto no exterior, mas, original no sentido de que cada ser possui o seu corpo e sua consciência, ainda que esta não seja formada em seu sentido pleno, que a subjetividade, principalmente na atualidade esteja longe de sua completude, devido às influências do capitalismo e da indústria cultural⁶.

Assim, como vinha sendo discutido, a consciência tem o seu *locus*, o seu espaço/tempo: o corpo. Ou seja, a consciência humana pressupõe um requisito para a sua existência, ser a consciência do corpo. Destarte, esta manifestação material/espiritual do ser humano possui uma consciência de si, em si e para si; ela é um fenômeno externo para a consciência, contudo, ao mesmo tempo, a consciência *lhe* é interna, sendo o corpo a sua morada.

Logo, dizer da consciência do corpo e do corpo da consciência, em uma perspectiva dialética, pensando o corpo como a morada da consciência, não é estabelecer uma dicotomia como comumente é atribuído a Platão (2005), a Santo Agostinho e a Descartes (2006; 2005), mas pelo contrário, entender que existe a unidade corpo da consciência/consciência do corpo como indissociáveis na vida humana.

Porém, como este corpo (corpo da consciência/consciência do corpo) se transforma ao longo da história? Entende-se que estas alterações sejam dadas por diferentes relações sociais, as quais serão desenvolvidas no próximo item.

2. O Corpo e as Relações Sociais: determinações históricas.

Considerando o que foi até então escrito, observa-se que as transformações corporais dos seres humanos estão sendo compreendidas aqui devido aos processos de orientação da procriação (Orientação “K”), graças às ações naturais nas estruturas das condições climáticas,

⁶ Para maiores detalhes, ver Baptista (2013).

geológicas, alimentares e mesmo biológicas das fêmeas e dos machos que foram se hominizando⁷, gerando alterações orgânicas que propiciaram as características atuais da espécie humana (humanização)⁸, as quais já vinham acontecendo simultaneamente. Contudo, a ideia de mudanças dadas apenas pelo aspecto biológico e natural é aparente.

No entanto, se observadas as explicações de Lovejoy (JOHANSON; EDEY, 1996), as mudanças no ciclo reprodutivo das fêmeas em espécies homínidas constituem e foram constituídas não apenas por mudanças biológicas naturais, mas pelas próprias relações sociais entre os indivíduos no contexto primitivo. O fato de caber à fêmea cuidar do filhote, considerando o tempo de gestação e a redução de filhotes por prenhes, gera, de certa forma, as alterações nas relações estabelecidas com os machos, os quais pretendiam cuidar de suas fêmeas como forma de garantir uma maior frequência de acasalamento. Neste aspecto, tem-se o desenvolvimento de uma relação social, a qual já propicia formas distintas de trabalho naquele contexto. Por isso, Engels (2000, p. 215) analisa que o:

[...] trabalho é a fonte de toda *[sic!]* a riqueza, afirmam os economistas. E o é, de fato, ao lado da Natureza, que lhe fornece a matéria por ele *[sic!]* transformada em riqueza. Mas, é infinitamente mais do que isso. É a condição fundamental de toda *[sic!]* a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem.

O trabalho é a determinação social fundamental da vida humana, a mais elaborada forma de interferir na natureza através das diferentes capacidades e habilidades corporais dos seres que, desde os primórdios estabeleceram relações de forma distinta com o mundo e as transformações da natureza e as tentativas de dominá-la, culminaram no *Homo sapiens* não só por ações individuais, mas, por ações coletivas, rudimentos da divisão social do trabalho.

O domínio da Natureza, iniciado com o aperfeiçoamento da mão, com o trabalho, ampliava o raio de percepções do homem, a cada novo *[sic!]* progresso. Nos objetos naturais, descobria ele *[sic!]* constantemente outras qualidades até então desconhecidas. Por outro lado, o aperfeiçoamento do trabalho, contribuía para aproximar, cada vez mais, os membros a sociedade; para multiplicar os casos de ajuda mútua, de ação em comum, criando, em

⁷ A hominização é o processo de alterações nas estruturas orgânicas dos homínidos, as quais avançaram até o estágio biológico do *Homo sapiens*. A humanização é o conjunto de transformações responsáveis pelas características humanas como a consciência, a inteligência, a cultura, a divisão social do trabalho e organização do modo de produção, entre outros.

⁸ Entendemos neste texto que existe apenas uma espécie humana. Variações de cor da pele, do cabelo, tipos dos olhos, estatura, entre outros, são manifestações de distintas etnias, as quais não se sobrepõem umas às outras ou, mais explicitamente, estas características não definem que um ser humano seja melhor que o outro.

cada um, a consciência da utilidade dessa colaboração (ENGELS, 2000, p. 217).

As análises de Engels (2000) demonstram as influências do trabalho na formação das sociedades humanas. A constituição da consciência do corpo/corpo da consciência se alterou com o passar dos tempos e é evidente que o *Homo sapiens* possui níveis de capacidades, habilidades e consciência, provavelmente, muito superiores ao do *Australopithecus afarensis*.

Desse modo, o trabalho e a organização social da produção definem os modos de vida das pessoas em diferentes aspectos. De acordo com Marx e Engels (1998, p. 23-24):

Produzir a vida, tanto a sua própria vida pelo trabalho, quanto a dos outros pela procriação, nos parece portanto, a partir de agora, como uma dupla relação: por um lado como uma relação natural, por outro como uma relação social – social no sentido em que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos, sejam quais forem suas condições, forma e objetivos. Disso decorre que um modo de produção ou um estágio industrial determinados estão constantemente ligados a um modo de cooperação ou a um estágio social determinados, e que esse modo de cooperação é, ele próprio, uma “força produtiva”; decorre igualmente que a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, [...].

O trabalho é a relação social responsável pela constituição ontológica do ser, porquanto, por ele nos tornamos o que somos. Afinal, o trabalho

[...] é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o **homem, por sua própria ação, media regula e controla seu metabolismo com a Natureza**. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. **Ao atuar, por meio desse movimento sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio.** (MARX, 1996, p. 297. Grifo nosso)

Essa passagem de Marx em sua obra principal, “*O Capital*”, concorda com a menção de Engels (2000) e mesmo com a sua obra anterior escrita junto com seu amigo e companheiro (MARX; ENGELS, 1998), pelas quais se demonstra a importância do processo de trabalho para o desenvolvimento da vida humana. Não só eles, mas, também, autores posteriores, como Lukács (2010), também demonstraram a relevância do trabalho para a transformação do homem.

O trabalho não é uma ação isolada, por isso, é uma relação social importante, desde os primórdios. Por isso comentam Marx e Engels (1998, p. 26):

Assim se desenvolve a divisão do trabalho que outra coisa não era, primitivamente, senão a divisão do trabalho no ato sexual, e depois, se tornou a divisão de trabalho que se faz por si só ou “pela natureza”, em virtude das disposições naturais (vigor corporal, por exemplo), das necessidades, do acaso etc. A divisão do trabalho se torna efetivamente divisão do trabalho a partir do momento em que se opera uma divisão entre o trabalho material e o trabalho intelectual.

Essa divisão social do trabalho vai gradativamente provocando as mudanças no corpo da consciência/consciência do corpo, pois, enquanto unidade da expressão da vida humana, não há alterações apenas de um ou de outro, ambas se modificam e, ao se alterarem, promovem mudanças na relação entre o ser humano e a natureza com base em certo nível de poder social.

O poder social, isto é, a força produtiva multiplicada que nasce da cooperação dos diversos indivíduos, condicionada pela divisão do trabalho, não aparece a esses indivíduos como sendo a própria força conjugada, porque essa própria cooperação não é voluntária, mas, sim natural; ela lhes aparece, ao contrário, como uma força estranha, situada fora deles, que não sabem de onde ela vem nem para onde vai, que, portanto, não podem mais dominar e que, inversamente, percorre agora uma série particular de fases e de estádios de desenvolvimento, tão independente da vontade e da marcha da humanidade, que na verdade é ele que dirige essa vontade e essa marcha da humanidade (MARX; ENGELS, 1998, p. 30).

A divisão social do trabalho iniciada com os processos sexuais primitivos (MARX; ENGELS, 1998; JOHANSON; EDEY, 1996) encontra em cada período da história um poder social distinto. A divisão do trabalho material e do trabalho intelectual, considerados aqui como forças produtivas, pressupõem formas diferentes de corpo da consciência/consciência do corpo em cada período.

Desse modo, como anunciam alguns autores (MARX, 1986; SOARES, 2005; SANT’ANNA, 2001), em cada momento da história as características são distintas. As formas, capacidades e habilidades do corpo da consciência/consciência do corpo possuem qualidades específicas, haja vista as formas de poderes sociais e a divisão social do trabalho estabelecidas em cada sociedade.

[...] o “indivíduo que trabalha”, tendo como modo objetivo de existência a propriedade de terra, que antecede sua atividade e não surge como simples

consequência dela, sendo tanto uma pré-condição de sua atividade, como é sua própria pele, como são os seus órgãos sensoriais, pois toda a pele, e todos os órgãos dos sentidos são, também, desenvolvidos, reproduzidos, etc., no processo de vida, quanto pressupostos deste processo de reprodução. A mediação imediata desta atitude é a existência do indivíduo – mais ou menos naturalmente evoluída, mais ou menos historicamente desenvolvida e modificada – como membro de uma comunidade; isto é, sua existência natural como parte de uma tribo (MARX, 1986, p. 77-8).

Esta passagem de Marx em “*As formações econômicas pré-capitalistas*” caracteriza e fundamenta a síntese deste texto, ou seja, compreender que dentro de dado período histórico são construídas novas formas de capacidades, habilidades e corpos das consciências/consciências dos corpos, pois as demandas, necessidades e processos metabólicos entre o ser humano e a natureza dependem das formas como os meios de produção são socializados, bem como, gera a organização social da vida, porquanto o modo de produção não determina apenas a criação de mercadorias e bens de consumo, mas também as formas de vida em cada momento da história. Sobre isso, ainda diz Marx (1986, p. 82), dentro de um contexto válido até o momento atual:

O que exige explicação não é a unidade de seres humanos vivos e ativos com as condições naturais e inorgânicas de seu metabolismo com a natureza e, portanto, sua apropriação da natureza; nem isso é o resultado de um processo histórico. O que tem de ser explicado é a separação entre essas condições inorgânicas da existência humana e a existência ativa, uma separação somente completada, plenamente, na relação entre o trabalho assalariado e o capital (Grifo nosso).

Apesar de ainda ser possível explorar outras características do corpo da consciência/consciência do corpo para o momento atual, o que demandaria um espaço/tempo não possível neste estudo, porém, o presente revelou diálogos interessantes, como os de Silva (2017); Herold Junior (2015; 2012; 2009); Heloani (2005); Alves (2005), os quais têm trazido perspectivas para se pensar o corpo no Marxismo/materialismo histórico dialético, não apenas no contexto de sociedades primitivas, como na atual reestruturação do trabalho produtivo, tema não discutido ao longo deste texto. As análises feitas por estes autores contribuem para a compreensão das relações existentes entre o corpo na sociedade capitalista a partir das manifestações da reestruturação produtiva, discutindo pontos diferentes da compreensão das leis gerais do capital.

Considerações finais

Ao iniciar as considerações finais destaca-se que o trabalho como relação social fundamental entre os seres humanos é o principal motivo para os processos de transformação da forma, das capacidades e habilidades do corpo da consciência/consciência do corpo. A maneira como as relações acontecem são aparentemente naturais, compreendidas como biológicas. Contudo, a essência dessa relação é dada pelas relações sociais estabelecidas entre os seres humanos por meio do trabalho.

Se do período primitivo até a atualidade as transformações corporais vinculadas à postura, à forma e movimentos da mão e desenvolvimento cerebral fossem apenas naturais, provavelmente o ser humano não estaria no atual estágio de desenvolvimento tecnológico e social. Todavia, a maneira como é formado o corpo da consciência/consciência do corpo depende dos poderes sociais, da cooperação e mesmo da organização da sociedade civil, embora, este último tema (a sociedade civil), não tenha sido por ora abordado.

Do ponto de vista metodológico e epistemológico, entende-se que as análises realizadas a partir de Marx, Engels, Lukács e outros autores vinculados ao materialismo dialético possam ainda ser exploradas e aprofundadas, por compreender que os processos contraditórios e a essência só são manifestos quando se compreende as múltiplas determinações dos distintos modos de produção, suas necessidades e formas de organização social.

Apesar de este texto não ter se debruçado especificamente sobre cada modo de produção dos períodos primitivos até a atualidade, procurou-se demonstrar que a história natural e a natureza como construção histórica são submetidas às relações sociais determinadas pelo trabalho, um processo metabólico que constituiu o próprio homem, como afirmou Engels (2000).

Portanto, entende-se que apesar das transformações possíveis sobre o ambiente natural, as quais alteram e modificam o próprio corpo, não são suficientes para gerar um domínio pleno da natureza, sob o risco de que esta ação provoque a própria extinção do *Homo sapiens*.

Referências

ALVES, Giovanni. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 409-428, 2005.

BAPTISTA, T. J. R. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba: Appris, 2013. (Coleção Ciências Sociais).

BAPTISTA, T. J. R. Entre o corpo da consciência e a consciência do corpo: aproximações e distanciamento entre Hegel e Marx. **Educativa**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 25-46, jan./jun. 2013a.

BAPTISTA, T. J. R. O corpo na fenomenologia do espírito de Hegel: um debate com a educação física. **Poiésis**, Tubarão, v. 4, n. 7, p. 101 - 116, Jan./Jun. 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do Método: regras para a direção do espírito**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FENTON, Caroll Lane. **A Origem do homem**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. 2. ed. rev. e aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HELOANI, Roberto. Corpo e trabalho: instrumento ou destino? **Psicologia Hospitalar. (São Paulo)**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-18, Ago. 2005.

HEROLD JUNIOR, C. Corpo, educação e hominização: possibilidades de análise a partir do materialismo histórico. **Educere et Educare (Impresso)**, v. 4, n. 7, p. 1-22, jan./jun. 2009.

HEROLD JUNIOR, C. O corpo no trabalho. **Movimento (UFRGS. Impresso)**, v. 21, n. 1, p. 275-280, 2015.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo no trabalho e corpo pelo trabalho: perspectivas no estudo da corporalidade e da educação no capitalismo contemporâneo. **Trabalho, Educação, e Saúde**, Rio de Janeiro:, v. 10, n. 1, p. 11-35, mar./jun. 2012.

ILHA das Flores. Roteiro de Jorge Furtado. Produção da Casa do Cinema, Porto Alegre, Maio 1989.

JOHANSON, Donald C.; EDEY, Maitland A. **Lucy: os primórdios da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v. 1. (Coleção Os Economistas).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Luís Eurico. **A Gênese (comentada) da humanidade**. Goiânia: UCG, 2002.

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Rideel, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. **Contribuição à crítica da pedagogia do corpo no trabalho**. Tese [Doutorado Em Educação]. UNICAMP, Campinas, 2017. 309f.

SOARES, Carmen L. **Imagens da Educação no corpo**. 3. ed. http://www.unifor.br/pls/oul/bc_exibe_dados_obra?p_cd_obra=999999 Campinas: Autores Associados, 2005.

VIGOTSKI, Lev. S. **A Formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

VIGOTSKI, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.